

■ ECONOMIA ■

Déficit e Crescimento

JOSINO MORAES

Refiro-me ao déficit público. A primeira idéia que me ocorreu ao associar essas duas variáveis da vida econômica foi a monumental figura de Lord Keynes, sem dúvida o mais importante economista desse século. Uma de suas grandes tiradas no debate com os marxistas que insistiam na inexorabilidade da vitória do socialismo sobre o capitalismo, no longo prazo, foi: "O diabo é que, no longo prazo, todos estaremos mortos!". Outra foi a resposta a um repórter sobre se ele escrevia para o povo: "Escrevo para os meus pares!". Se poucos dos seus pares puderam compreendê-lo, quem dirá o povo... A vida - ou a história - deulhe milhares de razões. Ele ensinou ao mundo que, para países capitalistas que se encontrassem num cenário internacional como o da Grande Depressão de 1929, a única saída seria gerar déficit público para puxar a oferta e o emprego.

É claro, com abundância de fatores de produção-capital e trabalho ociosos, a demanda puxaria a produção gerando empregos sem inflação. Algo assim como duas curvas - oferta e demanda - movendo-se simultaneamente e encontrando pontos de equilíbrio num mesmo patamar de preços, porém com produção sempre crescente. De fato, sua idéia funcionou e rapidamente o mundo saiu da profunda depressão em que se encontrava, inclusive o Brasil.

No nosso caso, o desdobramento desse processo foi trágico pois dele surgiu Vargas que, se aproveitando da momentânea debilidade de nossos antepassados, fazendeiros paulistas e exportadores de café - motor então da nossa economia - assentou as bases para o desenvolvimento de um novo modo de produção, a saber, o subcapitalismo brasileiro e com ele a destruição da nossa possibilidade de futuro.

Quem gera déficit e inflação é o Estado, como se sabe desde tempos imemoriais, salvo exceções exógenas e passageiras como choques de petróleo etc. Voltemos, então, nossa atenção para o Estado brasileiro. Ele se encontra num avançado estado de putrefação carcomido pelo avanço das corporações oficiais em conluio com os legislativos, ao longo de décadas. Nos dias de hoje, a população descobre, atônita, via CPI do Narcotráfico e roubo de cargas, que nossos corpos policiais, um dos principais braços de um Estado de Direito, encontram-se em avançado estado de putrefação. Que estado do Estado, diria o velho Barão de Itararé! A situação é grave e tende a se agravar.

Recentemente, o governo contou ao povo a lorota de que a inflação, desde 94, teria sido extinta *ad eternum* e que, portanto, estava assentada a base para um crescimento sustentável. Tudo o que se viu foi o oposto, porém, com isso, ele venceu duas eleições

presidenciais. Hoje, com os primeiros sinais de retomada inflacionária, o povo começa a duvidar. De fato, a inflação com aquele ímpeto "sarneysiano" retornará em breve assim que os US\$ 41,5 bilhões do FMI terminar e o câmbio encontrar seu verdadeiro equilíbrio, algo assim como três por um para o novo e definitivo reinício da louca e infernal corrida custos-preços, vide déficit comercial de novembro. Aí, então, retornará aquela hilária explicação sobre a origem do fenômeno inflacionário, a saber, a voracidade dos empresários, a caça às bruxas, os tabelamentos, proibições de aumentos de mensalidades escolares etc. Filmes tão bem conhecidos desde 1985. Deixemos, portanto, essa questão de lado e retornemos a relação déficit versus crescimento.

O "déficit público Keynesiano" tinha como premissa a existência de um

Estado capitalista hígido, nunca um Estado semi-destruído como no nosso caso. De fato, durante esses anos do

Real, temos convivido com os maiores déficits e conseqüentes aumentos nos níveis de endividamento público com o mais longo período de estagnação da nossa história. Parece paradoxal, mas não

o é. A natureza do nosso déficit impede qualquer possibilidade de crescimento. Entre outros aspectos, ele impede uma política civilizada de taxas de juros. No nosso caso, ele reflete apenas o estado putrefato do Estado, sem nenhuma possibilidade de investimentos e incapaz de puxar a produção. O déficit público brasileiro tornou-se crônico, insolúvel e legal após a Constituição de 1988. "As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá." Infelizmente, o ufanismo tem raízes históricas profundas para aumentar nossa tragédia.

Recentemente, foi bastante divertido acompanhar a polêmica no ninho da família tuca-na entre "monetaristas"

- partidários da rigidez orçamentária - e desenvolvimentistas - partidários da expansão do déficit para puxar a produção.

Há pouco, o *Financial Times*, da terra de Keynes, numa extensa matéria sobre o Brasil, reproduzida sucintamente pelo *O Estado de São Paulo* (3/11/99), concluiu que o principal óbice ao crescimento de nossa economia é o déficit público e, literalmente, ele afirmava que "o déficit está tirando o sangue da economia". O Bird - Banco Mundial - (Folha de São Paulo, 8/12/99) bateu na mesma tecla. Curiosamente, nenhum economista local, federação de industriais ou de agricultores atinam com a questão. A eliminação do déficit público é condição *sine qua non* para a retomada do nosso crescimento econômico e geração de empregos.

Josino Moraes é graduado em engenharia pela Universidade Mackenzie (SP) e em Economia pela Universidade de Estocolmo (Suécia)

A população descobre, atônita, que nossos corpos policiais encontram-se em avançado estado de putrefação

A natureza do nosso déficit impede qualquer possibilidade de crescimento